

**HISTÓRIA  
EM  
REVISTA**

Pelotas - Número 1 - Setembro de 1994



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

# HISTÓRIA EM REVISTA

Prof. Antonio Cesar Gonçalves Borges  
*Reitor*

Prof. Daniel Souza Soares Rassier  
*Vice-Reitor*

Profª Inguelore Scheunemann de Souza  
*Pró-Reitora de Graduação*

Prof. Alci Enimar Loeck  
*Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação*

Profª Angela Maria Sinotti Gonzalez  
*Pró-Reitora de Extensão e Cultura*

Bel. Flávio Chevarria Nogueira  
*Pró-Reitor Administrativo*

Bel. Antonio Leonel da Silva Cunha  
*Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento*

EDITORA UNIVERSITÁRIA  
Rua Lobo da Costa, 447  
Pelotas-RS - CEP 96.010-150

Jorn. Fernando de Oliveira Vieira  
*Diretor*

Capa: Gilnei da Paz Tavares

Planejamento Editorial: José Herminio Barbachá

Reprodução Gráfica: João José Pinheiro Meireles  
Marciano Serrat Ibeiro  
Oscar Luis Rios Bohms

Acabamento: Carlos Gilberto Costa da Silva  
Claudio Luiz Machado dos Santos  
Luiz Gonzaga Souza Cruz



Class:	REVISTA
Registro:	415
Data:	11.10.94
Doação:	

## HISTÓRIA EM REVISTA

Pelotas - Número 1 - Setembro de 1994

*Núcleo de Documentação Histórica da UFPel*

*Coordenação Administrativa:*

Profª Beatriz Ana Loner

*Coordenadores de Linhas de Pesquisa:*

*Quotidiano de Pelotas (e Região Sul):*

Prof. Fábio Vergara Cerqueira

Prof. Temístocles Américo César

*Movimento Sindical:*

Profª Lorena Almeida Gill

*História da UFPel:*

Profª Beatriz Ana Loner

*Memória e Sociedade:*

Profª Maria Leticia Mazzuchi Ferreira

*Técnicos Administrativos:*

Alvim da Silva Jorge

Domingos Barreto Rodrigues

*Comissão Editorial*

Profª Beatriz Ana Loner

Prof. Fábio Vergara Cerqueira

Profª Lorena Almeida Gill

Prof. Temístocles Américo César

*Apresentação* . . . . . 5

Artigos:

*Reconstrução da  
memória da UFPel* . . . . . 7

Beatriz Ana Loner

*A evolução urbana de Pelotas:  
um estudo metodológico* . . . . . 21

Sidney Gonçalves Vicira

Óthon Ferreira Pereira

Jakson Silvano de Toni

*Os periódicos do final do século XIX  
e do início do século XX  
e o cotidiano de Pelotas* . . . . . 35

Fábio Vergara Cerqueira

Temístocles Américo César

*Mulheres em estudo:  
um movimento ou  
um outro movimento* . . . . . 39

Lorena Almeida Gill

Denise Bussolati

*Museu e  
memória histórica* . . . . . 48

Maria Leticia Mazzuchi Ferreira

*O sujeito essencial:  
teoria histórica e discurso* . . . . . 52

Temístocles Américo César

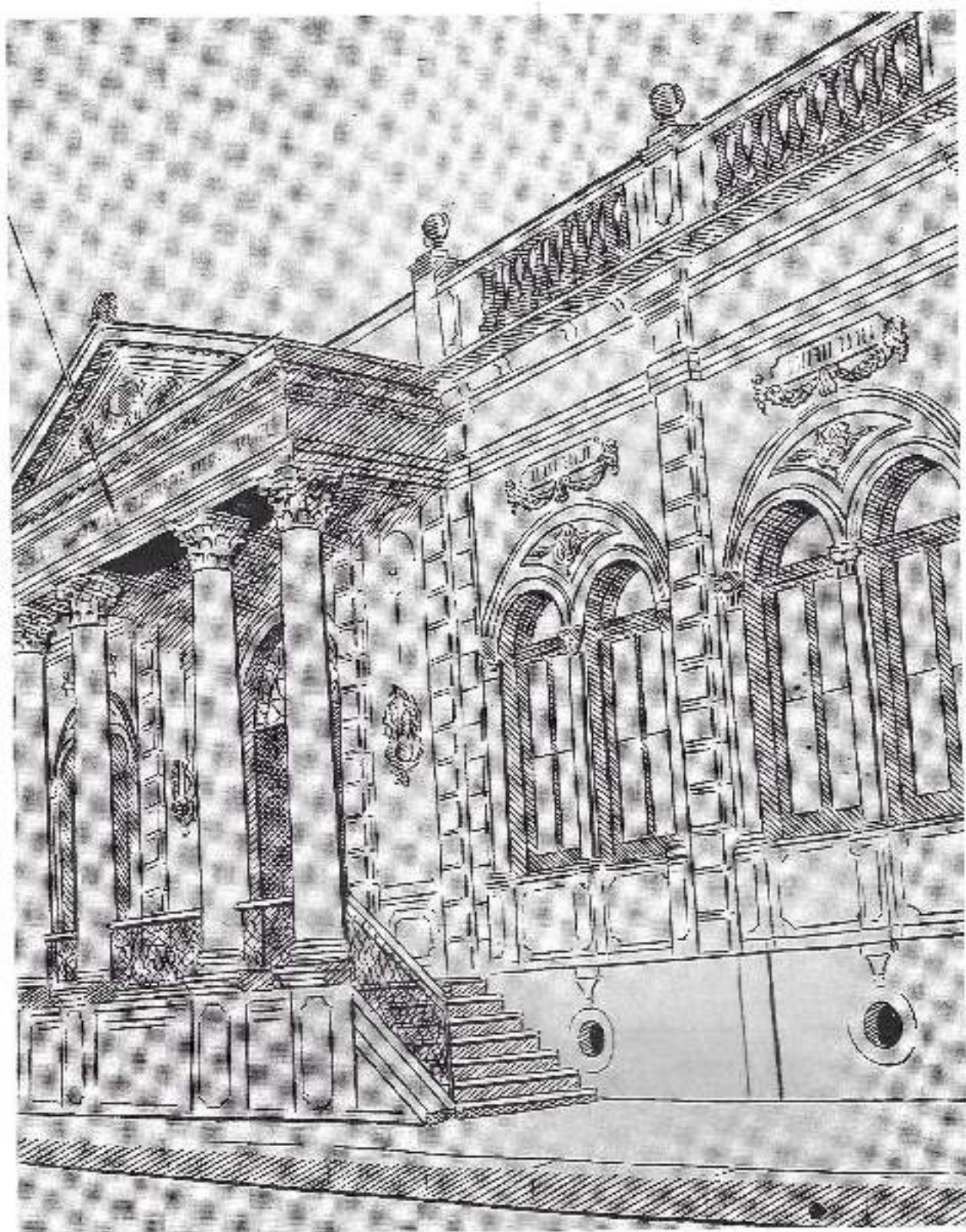
*Da aplicação do conceito  
de imaginário no estudo da história* . . . . . 57

Fábio Vergara Cerqueira

### HISTÓRIA EM REVISTA

PUBLICAÇÃO DO NÚCLEO DE  
DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA DA UFPel

PELOTAS, PRAÇA 7 DE JULHO, 180  
CEP 96.020-010 - RS



# A EVOLUÇÃO URBANA DE PELOTAS: UM ESTUDO METODOLÓGICO\*

Sidney Gonçalves Vieira  
Óthon Ferreira Pereira  
Jakson Silvano de Toni

'A cidade de hoje, é o resultado cumulativo de todas as outras cidades de antes, transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim produzidas pelas transformações sociais ocorridas através dos tempos, engendradas pelas relações que promovem estas transformações.'

(SPÓSITO, 1988, p.12)

## 1. À GUIA DE PREFÁCIO

### *Sobre a concepção de espaço.*

Enquanto objeto de análise o espaço tem sido avaliado pela Geografia, pela Economia, pela História, além de outras ciências e disciplinas que, dadas as especificidades de seus 'saberes', procuram caracterizar o espaço segundo seus interesses

---

\*. A versão preliminar deste trabalho foi apresentada junto ao programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, da UFRGS (PROPUR XI). Este artigo constitui uma condensação daquela versão apresentada em seminário da disciplina Evolução Urbana, ministrada pelos professores Célia Ferraz e Gilberto Cabral. O item nº1 foi acrescentado nesta versão. S.G.V.

particulares. Invariavelmente, o posicionamento mais tradicional, fundamentado no positivismo, é o de conceber o espaço como uma realidade exterior ao homem. Fruto de uma herança kantiana<sup>(1)</sup>, onde se vê a realidade espacial como sendo um espaço 'em si, que por sua natureza essencial não se dá a revelação, já que o seu ser é o ser suporte das ocorrências fenomênicas que se dão sobre ele' (RODRIGUES, 1983, p. 28). O espaço é, então, o lugar onde se dá a atividade do homem<sup>(2)</sup>.

Contrapõe-se a esta noção a que considera o espaço como produto da sociedade. Essa noção do espaço enquanto uma 'produção social'<sup>(3)</sup> nos leva a concepção do espaço como produção humana, histórica e social. Notadamente, como bem o salienta CARLOS (1988, p. 13), o espaço será humano 'não porque o homem o habita, mas antes de tudo porque é produto, condição e meio de toda atividade humana.'

A primeira noção, preocupada apenas com a descrição dos fenômenos no espaço, não parece ser suficientemente aceitável, considerando a importância que tem o espaço na dinâmica de determinados fatos e relações. A consideração do espaço como resultado da história dos processos produtivos impostos pela sociedade, como preconiza SANTOS (1985), é bem mais capaz de atender as análises que possam ser

propostas a cerca da sociedade. O espaço é um componente da realidade que sofre a intervenção do homem, que será capaz de construir, organizar, reorganizar tal espaço em função de interesses historicamente determinados e orientadores desta ação humana. A ação do homem será determinada pelas maneiras que os homens produzem sua existência e a organizam em um modo de produção pelo qual, em específica situação histórica, se aproximam do espaço.

O espaço, assim como o tempo, não pode ser desconsiderado ou subestimado nas análises da sociedade<sup>(4)</sup>. A sociedade não pode operar fora do espaço. Ainda no dizer de SANTOS (Op. cit., p. 49) 'a sociedade só pode ser definida através do espaço, já que o espaço é o resultado da produção, uma decorrência de sua história - mais precisamente da história dos processos produtivos impostos ao espaço pela sociedade'.

É fundamental, portanto, que se reconheça a importância devida ao espaço, e não se menospreze o peso que tem a consideração desta dimensão da realidade na organização social e vice-versa. O espaço não atua apenas como o local onde rebatem os processos sociais. A não neutralidade do espaço precisa ser considerada como um dado relevante em todos os estudos. A inclusão desta dimensão, a espacial, na análise dos processos sociais pode interferir no diagnóstico da realidade. Milton Santos (Apud CARRION, 1981, p. 47) evidencia bem a importância desta questão, quando fala daquilo a que chama de 'inércia dinâmica do espaço', no sentido de indicar que 'as formas são tanto um resultado como uma condição para os processos... Se a cada transformação no conjunto das relações sociais o espaço acompanhasse as mudanças que conhecem as outras estruturas sociais e se adaptasse imediatamente às suas necessidades de funcionamento 'Optimum' ele não teria senão um papel passivo. Mas aquela inércia dinâmica de que o espaço é dotado lhe assegura, antes de mais a tendência de reproduzir a estrutura global que lhe deu origem, ao mesmo tempo que se impõe a essa reprodução social como uma mediação indispensável que às vezes altera o objetivo inicial ou lhe imprime uma orientação

particular.'

É inegável, portanto, mormente nas Ciências Sociais, a relevância que tem o espaço. Será fundamental compreender a importância da dimensão espacial nas formulações teóricas a respeito da sociedade, sob pena de que se negligencie a própria realidade dos fatos.

## 2. INTRODUÇÃO

### *Sobre o método de análise.*

Traçar a evolução de uma cidade mais do que simplesmente fazer um relato da história da cidade é estudar todas as implicações decorrentes das ações da sociedade no espaço, no caso específico, em um espaço determinado. Trata-se de analisar de que forma as atividades do homem interferem na conformação de um determinado espaço urbano e, além disto, trata-se de analisar de que modo este espaço pode representar um fator de atuação nos padrões sociais e na configuração de novos espaços.

Para estudar a evolução urbana de uma cidade não basta conhecer apenas a história da própria cidade, uma vez que, notadamente nos tempos atuais, um local não existe de forma independente, todos os espaços estão de uma forma ou de outra, interligados. Mesmo os acontecimentos mais distantes, embora nem sempre tragam uma consequência direta e imediatista para a vida cotidiana do lugar, podem ser de vital importância visto a possibilidade que têm de alterar relações humanas a nível político, cultural, social, econômico, etc. Desta forma, entende-se necessário a análise da história em um nível mais genérico, para que a história local não pareça desprovida de contextualização.

A análise global, como se pretende realizar, foi facilitada pela utilização de uma metodologia específica. O método 'modelo de crescimento urbano', proposto por Dóris Maria Muller (1974), facultou uma análise neste sentido. A forma mais simples do modelo parte das tendências de diversificação contidas na área cultural e em seu processo produtivo levando à diferenciação entre rural e núcleo de prestação de serviços em uma primeira fase, e na estruturação geral

dos territórios, resultando na diferenciação entre núcleos, posteriormente.

O modelo se baseia em uma lei geral que pode ser expressa do seguinte modo: "um núcleo urbano sofre modificações quantitativas ou qualitativas em sua população, quando ocorrem mudanças quantitativas ou qualitativas em sua função" (MULLER, *Op. cit.*, p. 31).

Com base nestes pressupostos teóricos e metodológicos buscou-se analisar a evolução urbana de Pelotas, identificando no tempo e no espaço as modificações significativas em termos de mudanças populacionais ou funcionais, enquadrando a análise no modelo proposto. Além disto, o modelo considera importante as relações mantidas pela cidade com a região por ele polarizada e com outras regiões, em um sistema de interdependência<sup>(3)</sup>. A análise é feita considerando sempre os fatores locacionais, econômicos, sócio-culturais, institucionais e populacionais.

A aplicação do modelo serviu para mostrar que inicialmente a cidade de Pelotas se originou justamente em um ponto do território com fatores locacionais propícios, no caso a garantia de segurança oferecida pelo sítio da cidade. Logo em seguida, a diferenciação entre o rural e o núcleo prestador de serviços se tornou evidente.

Em um segundo momento a mudança qualitativa ocorreu nas funções do núcleo, que passou a orientar a sua produção pela indústria nascente do charque. Este aspecto propiciou o surgimento de um período diferenciado, marcando modificações importantes no núcleo urbano.

Depois do apogeu da indústria salazadeira, a cidade começou a vivenciar as mudanças decorrentes do declínio. Seguiu-se um verdadeiro período de transição entre o velho e opulento período anterior e a época futura que se iniciava sem uma clara perspectiva de desenvolvimento.

O quarto período na evolução urbana de Pelotas, iniciado após a decadência total das charqueadas, vem até nossos dias. A cidade, sem contar com opções diversificadas importantes, tomou o rumo da terciarização quase que absoluta, com uma especialização

funcional de comércio e serviços que coloca em questão seu próprio desenvolvimento futuro.

O texto que segue adiante busca fazer um relato destes períodos, evidenciando sempre os aspectos mais importantes da metodologia proposta em termos populacionais e funcionais, tornando claro, também, as relações existentes entre a cidade e a região bem como as relações existentes com os acontecimentos em outras regiões. A análise de todas estas relações ocorridas na sociedade a nível espacial não foram suficientemente desenvolvidas, evidenciando o caráter preliminar deste estudo.

### 3. A EVOLUÇÃO URBANA DE PELOTAS

#### 3.1. Antecedentes.

A ocupação e o povoamento do território que hoje constitui o Brasil se deu, basicamente, no sentido de expansão comercial nutrido pelas nações européias do Séc. XVI. Surgem no cenário mundial os países com localização até então considerada periférica mas que, na realidade, estão de frente para o novo: o Oceano Atlântico (PRADO JR, 1976).

A exploração dos territórios ocupados e povoados pelas nações européias se justificava pela acumulação de capitais, na transição que se fazia do feudalismo para o capitalismo. Esta exploração das colônias estava fundamentada em produção já existentes (como riquezas minerais, v.g.), ou em formas de produção agrícola instaladas para atender os interesses e necessidades deste capitalismo nascente (como a cana-de-açúcar, v.g.) (PESAVENTO, 1990).

O Rio Grande do Sul, descoberto desde o início do Séc. XVI através de expedições litorâneas de exploração e comércio do pau-brasil, não estava enquadrado nos casos de acumulação primitiva do capital que permitiram a exploração colonial. Na realidade, com importância, só se chegou a parte meridional do Brasil durante o Domínio Espanhol, entre os anos de 1580 e 1640, quando os holandeses ocuparam o nordeste brasileiro e as regiões africanas fornecedoras de mão-de-obra escrava, acarretando

uma escassez de escravos no Brasil não holandês.

Foi então que bandeirantes paulistas se lançaram desmesuradamente ao apresamento de indígenas, prática da qual já se valiam uma vez que não possuíam recursos para a compra de escravos visto que estavam fora do processo agroexportador dominante. Deste modo, apresando índios e vendendo-os como escravos nas zonas açucareiras, os bandeirantes paulistas chegaram às missões jesuíticas estabelecidas pela Companhia de Jesus, na margem esquerda do rio Paraguai.

Somente com o fim do período do Domínio Espanhol, os paulistas cessaram com o apresamento de indígenas. Nesta época, 1640, os jesuítas já haviam se instalado em território gaúcho, fugindo do apresamento que se dava nas missões paraguaias. Com o fim destas hostilidades os padres retornaram para o lado castelhano, levando os índios mas deixando parte do gado que criavam nas reduções. Estes animais, soltos no pampa, reproduziram-se e tornaram-se bravios, e foram responsáveis pela formação de uma imensa reserva de gado que ficou conhecida como "Vacaria del Mar".

Portugal restou enfraquecido após o Domínio Espanhol e, com a redução de seu Império Colonial, voltou os olhos para o Brasil, que passou a ser a sustentação do reino. A zona do Rio da Prata se mostrou a mais interessante para os portugueses, pela possibilidade de intervir no comércio da prata existente em Potosí e pelo comércio ainda incipiente, mas já existente, de portugueses em Buenos Aires. Da pressão dos comerciantes lusos nasceu, em 1680, a Colônia do Sacramento. Com isto, os portugueses tomaram conhecimento econômico da Vacaria del Mar e passaram a caçar o gado suco para dele extrair o couro para ser exportado para a Europa, por Buenos Aires ou Sacramento. A riqueza propiciada pela pecuária no Sul estava tendo início.

Os jesuítas, que haviam retornado em 1682, instalados nos Sete Povos, estabeleceram estâncias de criação de gado, além de precarem o gado suco e de separarem parte do rebanho para formarem a chamada Vacaria dos Pinhais ou Campos de Vacaria. No entanto, inobstante tenham constituído importantes centros

econômicos, os jesuítas acabaram sendo expulsos de Portugal (1759), Espanha (1767) e América (1768) em razão da ameaça que, supunha-se, representavam ao absolutismo monárquico dos Estados europeus.

O interesse da coroa portuguesa pelas terras do Rio Grande do Sul aumentou com o sucesso da atividade dos tropeiros que precavam o gado suco. Já em 1725 a conhecida frota de João Magalhães entrou no território riograndense pelo canal que liga a Lagoa dos Patos ao Oceano Atlântico, evidenciando o início da ocupação do território.

A Colônia do Sacramento foi ocupada diversas vezes desde sua formação. A disputa com os espanhóis tornou-se cada vez mais acirrada, era inadiável a fortificação do litoral. Em 1737 Portugal fundou o Presídio e Povoação do Rio Grande de São Pedro, com o sentido claro de marcar sua presença e domínio sobre o território meridional.

Nesta época, o território gaúcho já vinha sendo partilhado por diversas sesmarias concedidas desde 1732. A partir de 1748 o povoamento foi incrementado com os ilhéus de Açores e Madeira que foram autorizados a ingressar na região. Graças a estes imigrantes a cultura do trigo foi incentivada na região e já apareceu com impuriância nas exportações.

O Tratado de Madri, assinado em 1750, transferiu a Colônia do Sacramento para o domínio dos espanhóis em troca dos Sete Povos, que passaram para o domínio português. Sem ter sido efetivado praticamente, o tratado deu razão, em sua demarcação, às "guerras guaraníticas", assim chamadas as resistências armadas dos índios missioneiros contra as tropas portuguesas e espanholas. A política espanhola muda com a morte de Fernando VI da Espanha e Carlos III, seu sucessor, assina o Tratado de El Pardo, em 1763, anulando o de Madri, e permitindo o reinício de acirradas batalhas entre portugueses e espanhóis pelo domínio do território sulista.

Portugal e Espanha eram opositores também na Europa, na Guerra dos Sete Anos, quando em 1763 D. Pedro de Ceballos ocupa o Rio Grande do Sul, após tomar Sacramento, Santa Tereza e São Miguel. Os acontecimentos decorrentes deste fato vão ter uma



importância destacada para a ocupação do território gaúcho, especialmente no que diz respeito à região de Pelotas e Rio Grande. As repercussões de toda a conjuntura, tal como se descreveu, em um ponto específico do espaço, serão responsáveis pela formação de um determinado tipo de sociedade e sua história, envolvendo as relações que mantêm entre si e com o espaço.

### 3.2. O povoamento inicial (1758 a 1780).

#### *Da primeira sesmaria às charqueadas.*

O território onde hoje se encontra a cidade de Pelotas teve sua ocupação inicialmente assinalada pela outorga de carta de sesmaria ao Coronel Thomaz Luiz Osório, feita pelo governador do Rio de Janeiro, Gomes Freire, em 1758. Estas terras aparecem assinaladas em mapa em 1777, onde se verificam os limites da sesmaria como sendo desde o rio Santa Bárbara, rio das Pelotas, até o ponto de 'Cangussu', limitando-se a Sudoeste pelo 'sangradouro e sua barra', ou seja, pelo canal de São Gonçalo.

As terras da sesmaria inicial foram vendidas pela viúva de Thomaz Osório, D. Francisca, ao casal Izabel Francisca da Silveira e Manoel Bento da Rocha, em 1779. Entretanto, é sabido que já a partir de 1763 as terras pelotenses estavam sendo ocupadas e exploradas por portugueses ilhéus que, foragidos da invasão espanhola, ali se instalaram. Na verdade, a primeira notícia de importante ocupação das terras pelotenses se dá com estes fatos. A ocupação da vila de Rio Grande por Ceballos, faz com que os habitantes se refugiem e

busquem a proteção próxima à Serra dos Tapes, depois de transposto os esteiros do canal São Gonçalo.

As condições iniciais para desenvolvimento posterior estão lançadas: um ponto no território com fatores locais propícios. As origens da cidade estão fundamentadas justamente na função de refúgio que representou inicialmente. A partir dos fatos que foram geradores iniciais de condições de ocupação do território, e de um ponto específico onde estão presentes os fatores necessários para um início de ocupação.

Os dados oriundos da invasão de Rio Grande mostram que uma parcela significativa da população que se retirou da vila teve destino ignorado, sendo que muitos deles acabaram por se instalar nas terras pelotenses. (QUEIROZ, 1987).

Do ponto de vista da população, inicialmente ficou dispersa pelas terras já repartidas em sesmarias. Não se pode precisar com exatidão o número de habitantes neste primeiro período ante a escassez dos dados existente, no entanto, tem-se relatos de que a população constituiu alguns núcleos mais adensados do que os existentes no meio rural, chamados de 'arraiais'. Além de construírem habitações em ambas as margens do arroio Pelotas (nas terras do Arcal e de D. Isabel, o Laranjal), construíram também no local que seria a porta de entrada para novilhos e escravos (Passo dos Neves, depois Rico e finalmente dos Negros), como também construíram no Capão do Leão, nas terras do Padre Doutor. Deste modo, a população começou a ocupar o território e a imprimir sua marca na paisagem.

Quanto à economia existente nestes tempos, o que podemos afirmar é que as atividades estavam baseadas

**TABELA I:**  
**VILA DO RIO GRANDE: RETIRADA DA POPULAÇÃO ENTRE 20 E 24 DE ABRIL DE 1763**

	CÁSAIS AÇORIANOS		NÃO AÇORIANOS		TOTAL	
	Nº	%GRUPO	Nº	%GRUPO	Nº	%GRUPO
PERMANECERAM NA VILA	140	25,7	16	9,5	156	21,8
PASSARAM P/ NORTE	179	32,9	48	28,4	227	31,8
DESTINO N. IDENTIFICADO	226	41,4	105	62,1	331	46,4
TOTAL	545	100	169	100	714	100

FONTE: QUEIROZ (1987).

na agricultura, fundamentada no trigo, inicialmente, e na pecuária. Na verdade as plantações existentes serviam muito mais para a própria subsistência das famílias, se concentravam nas proximidades das casas onde existiam também numerosas 'quintas', ou seja, pequenos pomares com frutíferas de várias espécies.

A religião, como fator sócio-cultural, aparecia na forma dos cultos que eram praticados nos arraiais e nas capelas erguidas nas sedes das fazendas, garantindo uma atividade importante para o período.

Institucionalmente a 'fazenda' exercia o papel de organização local da administração do espaço. Ainda não havia a presença de nenhuma autoridade específica ou de uma instituição destinada àquela população especificamente. No mais, estavam submetidos aos poderes da Coroa portuguesa.

Sem dúvida, neste período o fator locacional representou um aspecto importante para permitir o surgimento de Pelotas. O sítio da cidade, composto basicamente por duas paisagens distintas, a 'serrana' e a de planície, garantiu a instalação segura daqueles que fugiram da invasão espanhola. Na região onde predomina a planície se deu a ocupação principal, onde se privilegiou a área dos terraços, guardada das cheias dos cursos de água locais. Foram justamente estes cursos de água, o canal São Gonçalo, o arroio Pelotas e o Santa Bárbara, responsáveis pelo desenvolvimento de um progresso comercial muito grande. Exatamente na coxilha que fica limitada por estes três cursos de água veio a se formar, mais tarde, a cidade.

### 3.3. 2º período: as charqueadas (1780 a 1884/90).

*Do desenvolvimento das charqueadas à abolição da escravidão/proclamação da República.*

Foi no panorama de 1779/80 que José Pinto Martins instalou uma charqueada na região, que iniciou a base que iria sedimentar o desenvolvimento de Pelotas. Na realidade, o processo de salga da carne já era conhecido no estado e inclusive era praticado em outras regiões, no entanto, enquanto atividade sistemática, firmou-se mesmo foi nas margens do canal São Gonçalo e arroio

Pelotas.

Neste período, a vila de Rio Grande já havia sido recuperada por Portugal, desde 1776, em uma ação conjunta com as tropas locais. Ainda em 1777, havia ocorrido a morte de D. José I, de Portugal, decretando a queda do marquês de Pombal e a ascensão de D. Maria I. O enfraquecimento político e econômico do reino ficou patente.

A economia gaúcha se expande com a força do trigo e do charque. Os Campos Neutrais (entre a Lagoa Mangueira, Mirim e a costa marítima, separando os domínios de Portugal e Espanha) são palco de intenso contrabando de gado (PESAVENTO, Op. cit.). A concessão de sesmarias é cada vez mais difundida, inclusive com a expropriação de terras dos açorianos e com a conquista das missões.

Os acontecimentos nas outras regiões, mais distantes, como a Europa, por certo que não tiveram repercussão direta e imediata sobre a vida local da população mas, de modo indireto e a prazo mais longo, determinados fatos repercutem na própria organização social e conseqüentemente espacial. Deste modo, é importante notar que em 1808, quando Napoleão tomou o reino luso, o fato decorrente daí teve interferência na vida de toda a colônia, visto que provocou a mudança da corte para o Brasil. Os portos brasileiros são abertos para as nações amigas. O Rio Grande do Sul é elevado à condição de Capitania Geral.

Neste período, as charqueadas representaram o grande elemento impulsionador do desenvolvimento: 'à sombra das charqueadas, Pelotas desenvolveu-se, de incipiente povoação, na cidade que seria, durante quase todo o século passado, a mais rica e adiantada da província.' (MAGALHÃES, 1981, p. 14). A população teve um grande crescimento, em 1811 contava com o número de 2.119 habitantes. Desde 1810 esta população havia iniciado movimento pedindo a criação de uma freguesia, o que veio a ocorrer no ano de 1812, quando se criou a Freguesia de São Francisco de Paula, cuja sede se instalou na ampla coxilha entre o São Gonçalo, o Santa Bárbara e o Pelotas. Este foi, do ponto de vista institucional, o fato mais importante até então ocorrido, reconhecendo a importância crescente do local.

Ainda quanto à população é possível observar seu crescimento na tabela que segue adiante.

**TABELA II**  
**POPULAÇÃO DE PELOTAS (1811-1890)**

ANO	HABITANTES		FOGOS(CASAS)	
	Município	Zona Urbana		
1811	2.419	-	-	-
1814	2.419	-	-	-
1820	3.200	1.000(mais de)	100(mais de)	
1822	3.400	1.700	217	
1830	4.300	3.000	500	
1832	8.444	3.800	544	
1833	10.873	4.707	623	
1835	12.425	5.467	781	
1846*	11.244	5.229	-	
1858	10.757	7.000	-	
1859	12.893	11.401	-	
1860	13.537	8.838	1.473	
1863	13.846	9.000	-	
1865	15.384	10.000	-	
1872	21.258	18.666	2.314	
1890	41.591	-	-	

\* A diminuição da população é atribuída à Revolução Farroupilha.

#### FONTES:

ARRIADA (1991), exceto para o ano de 1890, cuja fonte utilizada foi CRUZ (1984).

Foi também neste período que do ponto de vista institucional outros fatores tiveram destaque, além da criação da Freguesia em 1812. Em 1830 a Freguesia foi elevada à categoria de Vila, havendo a instalação de um pelourinho na praça central. No ano de 1835, ocorreu a elevação à categoria de cidade, recebendo então a denominação que permanece até hoje: Pelotas. Outro fator importante neste aspecto foi a fundação da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, em 1847.

A economia da população durante todo este período

esteve pautada na indústria saloieira. A partir da riqueza gerada pelo charque instalou-se no local um comércio bastante intenso, destinado a prover a população. Em face da ligação comercial de Pelotas com os grandes centros do país e do exterior, a importação e a exportação tiveram grande destaque como atividades comerciais desenvolvidas no período.

Cabe ressaltar que, além da "indústria do charque", outros estabelecimentos industriais importantes foram instalados neste período, devido, principalmente, à participação de imigrantes europeus. Assim, observou-se a existência de curtumes, fábricas de velas, sabões e adubos, utilizando os resíduos da indústria da carne. A urbanização do sul do estado deve muito a estas atividades, de vez que por suas características (utilização em grande escala da mão-de-obra escrava), a indústria de beneficiamento (charqueada) não foi a responsável direta pela formação de um mercado consumidor, mas sim estes estabelecimentos menores, que davam apoio de comercialização e abastecimento (LAGEMANN, 1978).

Houve o desenvolvimento de instituições de ensino, clubes e associações. O "theatro 7 de abril" é inaugurado em 1834, a Biblioteca Pública Municipal em 1875. A vida cultural da cidade é muito intensa, os contatos mantidos com o centro do país (Rio de Janeiro) e com a Europa (França), conferiram à população pelotense um destacado padrão literário e artístico, superando a capital da província neste aspecto.

O fator locacional que teve mais destaque neste período foi o da ocupação da planície, principalmente nos terrenos mais elevados, onde veio a se formar a cidade. Como atividade industrial, a charqueada não concentrava a sua volta imediata muita população, em vista do desagradável mal-estar proporcionado pela intensa mancha de animais e pelo mau cheiro peculiar. Por este fato e pela comodidade da planície, com terrenos mais elevados abrigados das cheias, a ocupação se desenvolveu naturalmente um pouco mais afastada da atividade principal da população. Já na planta de 1835 é possível notar um bom número de arruamentos na cidade, com grande número de prédios construídos e outros tantos projetados. Influenciados pela topografia

plana do terreno o núcleo urbano se formou em uma típica planta quadriculada.

Na região, de um modo geral, predomina o desenvolvimento pautado na pecuária com a produção de charque. O crescimento da indústria saladeiril propiciou este desenvolvimento a partir de Pelotas. Durante este período, ocorre a independência do Brasil em 1822. Já em 1831, o charque cisplatino começa a concorrer com o brasileiro. A Revolução Farroupilha, desenvolvida de 1835 a 1845, irá ser uma tônica tendo mobilizado uma boa parte dos interessados do Rio Grande do Sul.

Para Pelotas, o fato que teve maior relevância foi a abolição da escravatura, ocorrida em 1889 mas que, em Pelotas, já produzia efeitos desde 1884. Ocorre que a economia do charque estava pautada justamente na força da mão-de-obra escrava, mas o movimento abolicionista era bastante intenso neste período e teve relevante destaque em Pelotas. Tanto foi assim que desde 1884 os escravos já haviam recebido sua liberdade, desde que permanecessem trabalhando para o seu antigo senhor por um período de pelo menos cinco anos. A extinção do trabalho escravo foi chamada de "cláusula de serviço" (CRUZ, 1984). Mas a alforria concedida aos negros não modificou o caráter do empreendimento nas charqueadas, tendo em vista que "o senhor de escravos não conseguiu transformar-se no empresário capitalista, por demais preso à concepção escravocrata" (CRUZ, Idem, p. 318).

Outro fator importante, foi a constituição de colônias de imigrantes, principalmente na região "serrana" do município. Mais tarde, estes imigrantes viriam a constituir uma grande parte do operariado urbano.

O final deste período, com a libertação dos escravos, evidenciava o início de novos tempos para a economia e a sociedade como um todo, mas particularmente para Pelotas teria um significado ainda mais importante, pois a mudança na lógica do empreendimento, o que não foi alcançado pelos "empresários" locais, decretaria a falência de uma economia extremamente pautada em um único produto.

### 3.4. Desenvolvimento industrial (1884/90 a 1945)

*Do declínio do charque ao pólo de indústria, comércio e serviços.*

De um modo geral, a partir de 1890, com a Proclamação da República e a libertação dos escravos, o país inicia uma inserção em um tipo de capitalismo um pouco mais avançado. A exploração econômica não pode mais contar com a mão-de-obra em termos de escravos, era preciso uma nova dinâmica nas relações de trabalho.

No Rio Grande do Sul, a pecuária enfrentará várias crises durante este período, principalmente marcadas pela intensificação das exportações de café e pela adoção deste produto como o principal na balança comercial brasileira. Em termos industriais, já em 1898, o Rio Grande do Sul experimenta uma concentração industrial bastante acentuada, sendo observável o fato de que as empresas maiores englobavam as menores.

A primeira república no Brasil tem início com Deodoro da Fonseca, e segue por um período de intensa disputa política entre os estados brasileiros. Em 1914 eclode a 1ª Guerra Mundial, que teve alguma repercussão na produção e comércio de carnes em Pelotas, incrementando o já abalado mercado da pecuária no Sul. Em 1918, quando cessa o conflito, há a criação da Liga das Nações, tentando assegurar a paz mundial. Mas a 2ª Guerra Mundial não tardou muito a ocorrer, em 1940, trazendo conseqüências mais diretas para o país, inclusive com o envio de tropas para o combate. Quando a guerra termina, em 1945, o país vive momentos de instabilidade política, há a deposição de Getúlio Vargas e, logo depois, a instalação de uma Assembléia Nacional Constituinte.

Trata-se de um período novo em função das novas formas de produção econômica, da participação do Brasil como nação no cenário mundial, da internacionalização da economia, do desenvolvimento do setor industrial, enfim, de mudanças profundas ocorridas na sociedade e suas repercussões espaciais.

Pelotas também vivencia este momento com grande intensidade. O fim da mão-de-obra escrava, como se

disse, foi de fundamental importância na mudança das relações e na alteração da sociedade e do espaço. Desde logo, há uma diversificação da economia até então baseada em um único produto: o charque. Diversos relatos nos dão conta desta diversidade, apontando um desenvolvimento industrial incipiente com a instalação de minério, curtume, cervejaria, fábricas de vidro, chapéus, máquinas de escrever, aparelhos ortopédicos, cofres, móveis, sabão, velas, cerâmicas, produtos farmacêuticos, confeitarias entre outros. (LOPES NETO, 1893, apud CRUZ, *Ibidem*).

As implicações para o espaço urbano são inevitáveis. Embora não existisse um zoneamento rígido, o que se pode observar é que, em geral, as indústrias orientavam sua localização com base nas áreas de maior interesse para a realização de suas funções, sendo determinante o caráter de acessibilidade portuário e ferroviário. Deste modo, ficou marcado no espaço a localização das indústrias iniciais próximo ao porto e nas proximidades da estação férrea. As indústrias que de alguma forma poluíam o ambiente foram obrigadas a se instalar na periferia da zona urbana, ainda que, mais tarde, tenham, em muitos casos, sido incorporadas pela malha urbana que se expandiu.

Em termos populacionais este período teve uma importância significativa para Pelotas, pelo grande aumento da população e principalmente da população urbana. Os dados arrolados a seguir evidenciam isto:

*TABELA III*

**POPULAÇÃO DE PELOTAS (1890-1940)**

ANO	POPULAÇÃO
1890	41.591
1899	43.091
1900	43.881
1911	62.701
1940	104.533

FONTE: CRUZ (1984), exceto 1940, cuja fonte foi RO-SA (1985).

Um dos grandes fatores que explica o aumento

populacional em Pelotas, como de resto a urbanização em todo o país, é a grande fuga do campo para a cidade, caracterizada como êxodo rural. Como Pelotas é um centro de grande importância regional, atrai e atrai muitos migrantes das cidades menores que estão em sua *hinterlândia*.

O charque, neste período, está em plena decadência. Se no período áureo das charqueadas chegou a se contar 35 instalações, agora observa-se que em 1899 havia apenas 18 e, logo, em 1922, eram apenas 7. (Simões LOPES NETO, 1893 e FERNANDO OSÓRIO, 1922, apud CRUZ, *Ibidem*, p. 387). Ainda vivendo da grande opulência financiada pela indústria saladeiril, em 1906 foi fundado o Banco Pelotense, que teve duração até o ano de 1931. O Frigorífico Riograndense é formado em Pelotas com capital local, em 1917, sendo adquirido por capital internacional em 1921. No entanto, o que marca a economia de forma mais característica, neste período, é mesmo a diversificação industrial de que se falou, que realmente propiciou a alteração nas relações sociais e uma conseqüente modificação espacial. A indústria nascente, diversificada, propiciou também o surgimento de um comércio muito variado, com fornecimento de gêneros para toda a região. Logo surgiu, também, um setor de prestação de serviços, que se tornaria em uma especialização funcional da cidade, mais tarde.

Em termos locacionais os transportes são o fator mais importante, tanto a nível intra urbano como inter regional. A nível local, desde cedo os bondes cortam a cidade, inicialmente de tração animal e depois elétricos. As vias de ligação regionais terrestres são muito importantes, pois permitiram o fácil acesso às indústrias em instalação. As estradas federais que cortam Pelotas trazem a ligação com o resto do estado, assim como as vias estaduais, que constituíram um importante fator de definição da configuração da malha urbana da cidade. Neste período a cidade se estrutura a partir do núcleo original, nas proximidades do porto, e se expande, inicialmente para Oeste, em direção ao bairro Fragata, ligação com a zona da fronteira com a Argentina e Uruguai. Logo depois, o eixo com direção Norte também se adensa, formando importante aglomeração nas Três Vendas, trajeto de ligação com Porto Alegre e

o Norte do estado. Para Leste, a ligação se intensifica com o crescimento da cidade, em direção ao Areal e aos balneários da praia do Laranjal. Resta, assim, conformado o plano da cidade, cuja malha urbana segue a orientação ditada pelos principais eixos de ligação, como se viu. O eixo em direção Oeste teve sua origem a partir do início deste século, ainda que a estrada de ferro, de 1884, que liga Rio Grande com a fronteira tivesse sido instalada naquele eixo, o adensamento provocado por esta via só se verificou mesmo nas proximidades com a estação. O eixo em direção Norte começou a se formar a partir de 1910 e, para Leste, logo em seguida. Estes surtos de desenvolvimento espaciais foram propiciados pelo desenvolvimento ocorrido, principalmente nos meios de transporte (bonde com tração animal, 1873 e elétrico 1915) e uma série de melhorias introduzidas nestes locais (1912 Cia. de Força e Luz, 1913 Serviços de esgotos).

As demarcações deste período parecem ter sido importantes de forma singular para a cidade de Pelotas. Tendo vivido o apogeu do charque e consolidado toda uma estrutura correspondente àquela forma de economia, a cidade agora conhece o declínio daquele período. A riqueza propiciada gerou imobilizações no espaço que não se desfazem em um tempo relativamente curto, a "inércia" gerada pelo espaço permanece e alcança também a sociedade, de forma que atua como um fator de determinação em várias instâncias. O período que relatamos representa, tipicamente, a passagem de um passado rico, que refletiu toda esta riqueza nas formas sócio-espaciais existentes, para um período de incertezas de investimentos, quando não de nostalgia e contemplação. Pelotas começa a vivenciar a dinâmica de novos tempos, sem ter sido preparada para isto. Ao que parece, o fato de ter ficado com uma economia centrada em um único produto, sem ter gerado com importância outros ramos de atividades, terá um preço a ser pago ao longo do tempo, até que se encontre o caminho para inserção nas formas mais modernas de participação econômica.

### 3.5. Comércio e serviços (a partir de 1945).

*Do início à consolidação do pólo de comércio e serviços.*

No início deste período, após a 2ª Guerra Mundial, o mundo se vê às voltas com um novo tipo de confronto: a Guerra fria que começa a ganhar vulto entre Estados Unidos e União Soviética. A repressão ao comunismo se dá também no Brasil no início deste período. Em 1955, quando assume a Presidência da República Juscelino Kubitschek, tem início uma política desenvolvimentista para o país, há um aumento dos investimentos estrangeiros no Brasil e um incentivo à industrialização. No Rio Grande do Sul, a política também se encaminha neste sentido de industrialização.

O ano de 1964 é marcado pelo golpe de Estado que derruba o presidente João Goulart. O período que se segue é de autoritarismo com as decisões de todos os setores passando pelo crivo do Governo Federal. Só mais recentemente, a partir de 1985, o país começa a vivenciar uma abertura em direção à democracia. No campo da economia, o modelo de desenvolvimento fordista (periférico) não consegue dar conta das baixas de rendimento nas taxas de juros, nos altos índices de desemprego e inflação. O país vive crises sucessivas, cujas saídas são buscadas com apoio nas instituições financeiras e monetárias internacionais (Banco Mundial, FMI, etc.).

O reflexo destes tempos, em Pelotas, acaba propiciando o desenvolvimento de uma cidade que cresce muito em seu efetivo populacional, sem que haja um acompanhamento no desenvolvimento do setor produtivo. A população do município cresce muito no período de 1950 a 1980, principalmente, baseado no crescimento vegetativo muito elevado e nas migrações bastante intensas de cidades vizinhas.

O Censo de 1980 mostrou uma densidade demográfica de 118 habitantes/Km<sup>2</sup>, superior à média gaúcha. Os números da tabela seguinte mostram os dados referentes à população absoluta do município neste período.

**TABELA IV**  
**POPULAÇÃO DE PELOTAS (1950-1991)**

ANO	POPULAÇÃO
1950	127.641
1960	127.575
1970	207.869
1980	259.950
1991	290.660

FORNTE: IBGE.

O setor terciário ocupa a maior parte da população. Em 1970, de acordo com resultados do Censo, já atingia 56% e estava aumentando o número de pessoas neste setor. Se no terciário a média de ocupação é superior à gaúcha, o mesmo não acontece com o setor primário, cujo índice fica abaixo da média estadual, enquanto no setor secundário, ainda que haja crescimento, é superado em muito por outras cidades que se destacam com maior relevância neste aspecto, como Canoas e Caxias do Sul.

A economia pelotense, já bastante desvinculada da pecuária, passa a ter maior relação com a agricultura através do incentivo às indústrias ligadas ao setor de frutíferas. Inúmeras empresas de grande porte se instalam em Pelotas visando produzir enlatados da produção local, não só de frutíferas mas também de tomates e batatas entre outros. Algumas frigoríficas mantêm suas atividades e permanecem em destaque, mas já não representam o mesmo que antes para a economia. O grande responsável pelo crescimento de Pelotas neste período vai ser o beneficiamento de arroz, cultura largamente introduzida na região desde décadas anteriores. Foi justamente aproveitando uma zona de alta produção orizícola que a cidade se especializou na industrialização deste produto, possuindo grandes e numerosos engenhos, garantindo um forte fator de atração sobre a região. Cabe destaque, também, à industrialização de alimentos, que encontrou em Pelotas um campo muito propício para desenvolvimento, tendo

representado durante grande parte do período atual um fator importante para a cidade.

Além do mais, o crescimento da cidade garantiu-lhe a instalação de equipamentos e de serviços de um refinamento superior ao da região circundante. O comércio variado e a prestação de serviços especializados concentra a atração de uma área bastante grande.

Também do ponto de vista sócio-cultural a importância da cidade se fará notar em toda a zona sul do estado. As universidades, as emissoras de rádio e televisão, os jornais, os teatros, cinemas, clubes, e instituições bem como sedes dos mais variados órgãos da administração federal e estadual garantem à cidade um papel de destaque, conferindo a Pelotas um 'status' que às vezes só é superado pela própria capital do estado.

Alguns estudos consideram Pelotas e Rio Grande como um só centro regional, admitindo que 'Pelotas tem expressiva função regional, complementada por Rio Grande, caracterizando-se como centro especializado' (IBGE, apud ROSA, 1985, p. 220). Englobando uma região com mais de dez municípios (32.914 Km<sup>2</sup>), com uma população que em 1980 atingia 649.478 habitantes, com predominância de formas de organização pastoris, não é uma área totalmente homogênea, sendo possível observar em Pelotas e Canguçu padrões tipicamente coloniais. No entanto, as relações entre Pelotas e Rio Grande não são muito fortes com a sua região, visto que muitas das funções são não centrais ou são relacionamentos que ultrapassam o espaço regional. Em algumas funções o destaque é bastante grande, como no comércio, atendendo a 90% dos municípios da região, prestação de serviços médicos, escolas e hospitais.

O fator locacional em Pelotas tem sido valorizado pela fácil acessibilidade através das rodovias<sup>(6)</sup>. A cidade é um importante eixo rodoviário: BR 116 (Porto Alegre-Pelotas-Jaguarão), a BR 293 (Pelotas-Bagé-Quaraí) a BR 392 (Rio Grande-Pelotas-Santa Maria e a conexão com a BR 471 até Chuí). Em termos de ferrovia, passa por Pelotas a estrada de ferro que liga Cacequi à Rio Grande, um dos corredores de exportação do estado. Também o porto da cidade possui uma

localização privilegiada em relação ao Oceano Atlântico, à Lagoa dos Patos e à Lagoa Mirim, bem como todas as ligações ferroviárias e terrestres possíveis. Em termos de transportes, o aeroporto completa o sistema, oferecendo seguras condições de utilização e conferindo um movimento de cargas e passageiros bastante significativo. Em estudo recente, a respeito dos dados do Censo de 1991, feito pelo professor Mário Rosa (1992), observamos que a expansão demográfica da cidade se dá em direção ao bairro Três Vendas e ao Areal. Enquanto se verificava que em 1970, por exemplo, 44,7% dos habitantes da cidade se concentravam no centro, nota-se que este índice agora é de 25,1%. Embora a população do bairro Fragata tenha aumentado de 33.823 habitantes em 1970, para 66.402 habitantes em 1980, verifica-se que sua participação percentual na população urbana aumentou apenas de 22,5% para 25,6% no mesmo período. Por outro lado, o bairro Areal, que participava em 1970 com 19,5% no percentual da população urbana, passou a representar 24,4% em 1991. E, o bairro Três Vendas, que apresentava um percentual de 13,3% em 1970, passou para 22,8% em 1991, revelando assim as tendências de expansão da população urbana.

Os Planos Diretores têm procurado garantir um crescimento para a cidade dentro dos limites aceitáveis de conforto urbano. Neste sentido, avenidas foram abertas visando dinamizar a circulação no interior da cidade e interligar as zonas mais adensadas. Este fato foi gerador de valorização da terra em determinadas áreas, favorecendo uma ocupação mais intensa, além do que, racionalizou o transporte e a circulação de um modo geral dentro dos limites urbanos. Estes fatos, ditados pela nova dinâmica de movimentação da produção, da circulação e do próprio consumo, conformam um espaço renovado para a cidade, que se torna mais dinâmico e apropriado para o período que vivenciamos.

### CONCLUSÃO

Procurou-se mostrar, ao longo do texto, as relações mais evidentes entre a cidade e seu espaço, dentro dos pressupostos estabelecidos. Foi destacada a forma como

a sociedade local mantém relações com o espaço imediatamente circundante, e a maneira através da qual as relações com a própria região polarizada, e com outras regiões, é capaz de interferir na dinâmica e produção espacial e social.

Desde o surgimento da cidade até os dias atuais, as marcas existentes no espaço urbano da cidade são analisáveis ao longo de sua história, com base no estudo das relações sociais existentes naquele espaço. A forma urbana existente atualmente é o resultado destas múltiplas relações, basta ver como se deu a formação de cada espaço em particular. Deste modo, compreender uma realidade objetiva espacial, tal qual ela está colocada hoje, significa analisar a sua própria história, identificar nesta história fatores determinantes de específicas manifestações e suas repercussões.

Ao longo do trabalho, procurou-se evidenciar a nítida evidência que existe entre os fatores populacionais, econômicos, sócio-culturais, locacionais e institucionais com o espaço produzido, ou seja, resultante da atuação destes fatores que, de um modo ou de outro, influenciam e são influenciados pela mesma gama de acontecimentos que ocorre na região e em outras regiões. Parece ter ficado clara a evidência de que o espaço gerado ao longo de tempo não é obra do acaso, mas sim um resultado da atuação de múltiplas relações entre a sociedade e entre esta e seu espaço: a cidade é uma produção social.

### NOTAS

1. A consideração do espaço sob este prisma será capaz de orientar uma metodologia positivista e/ou estruturalista. A ciência se constitui sobre o modo de organização dos fenômenos, o espaço não é objeto, mas condição de possibilidade dos fenômenos que se tornam objeto da ciência, cf. RODRIGUES (1983), p. 28.



2. Sem pretender ser exaustivo na definição do espaço, é importante ainda que se considere as três possibilidades usualmente utilizadas no tratamento da definição: i) o espaço pode ser concebido como uma categoria do entendimento; ii) o espaço também pode ser concebido como um atributo dos seres; e, iii) finalmente, o espaço pode ser concebido como um ser específico do real, cf. MORAES (1987). Veja-se também, a este respeito o Capítulo I de LIPIETZ (1977), onde o autor faz uma análise da concepção empirista do espaço, da crítica althusseriana do espaço (com base na crítica de ALTHUSSER a respeito do tempo) e estabelece parâmetros em relação à problemática marxista na definição desta dimensão.
3. O termo "produção do espaço" é credenciado a LEFÈBVRE (1970), apud. SMITH (1988), p. 139. É também largamente utilizado por CASTELLS (1973) e LOJKINE (1977) na literatura francesa e também foi introduzido por HARVEY (1973) nos EUA.
4. Crítica pertinente é a afirmação de que 'alors que les temps a fait longtemps l'objet de longues et profondes réflexions philosophiques et épistémologiques, la réflexion sur son double, l'espace, semble ignorée non seulement par les philosophes, mais même par ceux dont la profession est d'en étudier le contenu: les géographes.' LIPIETZ (Op. cit.) p. 14.
5. A respeito de região ver BREITBACH (1988), e CORREA (1988).
6. Recente pesquisa efetivada por SIMONSEN & ASSOCIADOS (EXAME, ano 25, nº 11) evidencia as potencialidades propiciadas por Pelotas, em função, principalmente, de fatores locacionais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRIADA, Eduardo. *O Processo de Urbanização Pelotense (1870-1835) Dissertação de Mestrado*. Porto Alegre, PUC/RS (cópia reprográfica), 1991.
- BREITBAH, Áurea Correa de Miranda da. *Estudo sobre o conceito de região*. Teses, Porto Alegre, FEE, 1988.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço e indústria*. São Paulo, Contexto/Edusp, 1988.
- CARRION, Otília. *Considerações a cerca dos modelos econômicos de localização intra-urbana*. Ensaio FEE, Porto Alegre, FEE, 1981.
- CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.
- CORREA, Roberto Lobato. *Região e organização espacial*. São Paulo, Ática, 1988.
- CRUZ, Glenda Pereira. *Espaço construído e a formação econômico-social do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, PROPUR UFRGS, cópia reprográfica, 1984.
- EXAME, Ano 25, nº 11. *As Capitais do Capital*. São Paulo, 26 de maio de 1993.
- GRANDO, Marinês. 'A colonização européia não portuguesa no município de Pelotas.' In: *Ensaio FEE*. Ano 5, nº 2, p. 47-55, Porto Alegre, FEE, 1984.
- HARVEY, David. *Social justice and the city*. Londres, E. Arnold, 1973.
- LAGEMANN, Eugênio. *A industrialização no Rio Grande do Sul. Um estudo histórico*. Projeto pequena e média empresas no Rio Grande do Sul, Relatório de Pesquisa nº 4, UFRGS/FCE/IEPE, Porto Alegre, 1978.
- LEFÉBVRE, Henri. *La Révolution Urbaine*. Paris, 1970.
- LPIETZ, Alain. *Le Capital et son espace*. François Maspéro, Paris, 1977.
- LOJIKINE, Jean. *Le Marxisme, l'État et la question urbaine*. Paris, Presses Universitaires de France, 1977.
- MAGALHÃES, Mário Osório. *História e tradições da cidade de Pelotas*. 2ª ed., Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, Instituto Estadual do Livro, 1981.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia. Pequena história crítica*. São Paulo, Hucitec, 1987.
- MULLER, Dóris Maria. *Crescimento urbano: um instrumento de análise aplicado ao Vale do Tuquari*. Porto Alegre, PROPUR MEC/MINTER/SEPLAN/UFRGS, 1974.
- NASCIMENTO, Heloísa Assunção. *Nossa cidade era assim*. Pelotas, Mundial, 1989.
- NOBRE, Nelson. *Pelotas memória*. Pelotas, (L.I.), 1989, frequência irregular.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 5ª ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1990.
- PLANO DIRETOR DE PELOTAS. Porto Alegre, ORPLAN, 1967.
- PLANO DIRETOR DE PELOTAS. Pelotas, (L.I.), 1980.
- PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo: Colônia*. 14. ed. São Paulo, Brasiliense, 1976.
- QUEIROZ, Maria Luiza Bertulino. *A vila do Rio Grande de São Pedro: 1737-1822*. Rio Grande, FURG, 1987.
- RODRIGUES, Maria Lúcia Estrada. *Produção de Espaço e Expansão Industrial*. São Paulo, Loyola, 1983.
- ROSA, Mário. *Geografia de Pelotas*. Pelotas, UFPel, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Tendências da expansão urbana*. Diário Popular, Pelotas, 05 mar 1992, Geral.
- SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo, Nobel, 1985.
- SMITH, Neil. *Desenvolvimento desigual*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1988.
- SPÓSITO, Maria Encarnação B. *Capitalismo e Urbanização*. São Paulo, Contexto/EDUSP, 1988.

FACULTAD DE AGRONOMIA ELISEU MACIEL

